

7.01.01 - Filosofia / História da Filosofia
O LUGAR DO LIVRO VI NA ÉTICA A NICÔMACO DE ARISTÓTELES

Aurelio Oliveira Marques^{1*}, Marcos Aurélio Fernandes²

1. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL – UnB)
2. Professor Dr. Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB) - Orientador

Resumo

Ao observarmos cuidadosamente o atual estado em que se encontra a condição humana, constataremos a verdadeira necessidade de uma mudança abrupta e radical. De modo global, nossa forma de ser e estar no mundo tem mostrado faces devastadoras, que colocam em xeque inclusive a noção de que o homem seja efetivamente um ser racional inclinado, naturalmente, ao Bem. Embora esteja inserida em diversas discussões contemporâneas que tratam da boa conduta dos indivíduos e da legitimidade de suas ações, 'Ética' é um ramo da filosofia que tem seus primórdios na Antiguidade clássica - sobretudo e de maneira mais sistematizada no pensamento do Estagirita. No entanto, no campo teórico de produção científica, observa-se uma lacuna em relação aos estudos concernentes a este recorte primordial da Grécia Antiga.

Neste sentido, o presente trabalho toma este diagnóstico como ponto de partida e tem por principal objetivo apresentar a filosofia de Aristóteles como um caminho para a retomada dos valores éticos da convivência coletiva, observando em que medida a nossa razão participa das nossas ações, ou por melhor dizer, de que modo as virtudes dianoéticas (*sophia* e *phronesis*) participam deste processo ético de desvelamento (*aletheuein*)¹ que devolvemos à sociedade, assunto este extremamente caro ao Livro VI de sua *Ethica Nicomachea*.

Palavras-chave: Aristóteles, Filosofia Moral, Virtudes Dianoéticas.

Introdução

Com efeito, partir de pré-compreensões ou de princípios metafísicos para desdobrar o pensamento no campo ético mostra-se como 'necessário' à nossa tarefa, embora não seja algo 'suficiente'. De fato, não há ética que não seja uma ótica a respeito da vida humana, assim como não há uma compreensão da vida humana que não pressuponha, explícita ou implicitamente, uma concepção do ser do ente. Por um lado, a metafísica oferece pressupostos e princípios para a ética (tal como a concepção teleológica da realidade e a pressuposição da liberdade humana). Por outro lado, a ética - entendida sob o aspecto de uma metafísica da ação humana ou de uma ontologia da vida humana, que é vida de ação conduzida pela reta razão (*orthos logos*) - também oferece elementos que ajudam o metafísico a pensar o ser do ente, o ente enquanto ente (*ontos he on*).

Embora haja uma tradição de comentadores que defenda a independência dos saberes teóricos em relação aos saberes práticos como resultado do método desenvolvido por Aristóteles nos *Segundos Analíticos* (*metabasis eis allo genos*)², ao fazermos uma leitura mais cuidadosa e aprofundada dos textos aristotélicos é possível constatar a existência de uma integração harmônica em seu sistema. Assim, parte central de nosso trabalho consiste em demonstrar que essa articulação entre teoria e prática não implica numa "*metabasis eis allo genos*", pois não está em jogo apresentar argumentos éticos para resolver problemas metafísicos, nem argumentos metafísicos para resolver problemas éticos.

¹ Realizamos aqui o isolamento da partícula de negação 'a', a fim de que possamos nos remontar a uma discussão apresentada por Heidegger acerca do sentido privativo desta expressão (*a-letheuein*), que ao fim e ao cabo, é utilizada para designar algo positivo (a verdade). Com efeito, os objetos do mundo e da consciência não se encontram como algo dado, mas como instância abstrata e indisponível sendo necessário ao homem conquistá-la e descobri-la. Neste sentido, o desvelamento (*aletheuein*) é o que permite ao homem trazer à luz o seu 'si próprio', aquilo que ele mesmo é, seja no âmbito da reflexão ou da ação. Só depois de conquistar a si mesmo é que se pode conquistar a visão holística do todo (HEIDEGGER, Martin. *Platão: O sofista*. Tradução Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. pp. 14-17).

² Como notável exemplo de comentadores acerca da defesa deste propósito podemos citar Carlo Natali, Gregory Salmieri e Joseph Karbowski. Cito a passagem: "Οὐκ ἄρα ἔστιν ἐξ ἄλλου γένους μεταβάντα δεῖξαι, οἷον τὸ γεωμετρικὸν ἀριθμητικῆ". Tradução – "Consequentemente, não se deve sobrepor os gêneros de uma área em outra, por exemplo, o geométrico não pode ser provado por sentenças aritméticas" (ARISTÓTELES. *Analytica Posteriora*. I, 7, 75a 38 - Cf.: BARNES. Jonathan (1991) *The Complete Works of Aristotle*. Vol I. Edited by Jonathan Barnes. The revised Oxford translation. Princeton University Press "Posterior Analytics" I, 7, 75a 38 p. 12).

Metodologia

Com efeito, o primeiro passo desta pesquisa filosófica se dá através da elaboração de um dossiê a partir de dois tipos de materiais: fontes primárias e materiais de apoio. No caso do trabalho aqui proposto, as fontes primárias principais serão as obras do próprio Aristóteles, em grego e também em suas várias traduções para línguas contemporâneas (inglês, espanhol, francês e italiano) as quais possuem um domínio considerável. Os materiais de apoio consistem, por sua vez, em trabalhos atuais sobre a temática em questão (teses, dissertações e artigos) bem como obras clássicas, isto é, trabalhos filosóficos que demarcam no ciclo científico uma mudança de paradigma. Ademais, para uma melhor explanação histórica e crítica por sobre a temática, faz-se importante apresentar as contribuições dos principais comentadores da Antiguidade e também aquelas concernentes aos mestres da Escolástica. Assim, visamos a uma metodologia que nos forneça um caminho frutífero, de modo que possamos realizar um salto qualitativo na pesquisa, notadamente através da leitura e interpretação dos textos acima mencionados.

A fim de responder à questão proposta neste trabalho, acerca do primado do desvelamento (*aletheuein*), ocupar-nos-emos em estudar cuidadosamente o livro VI da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles associado, quando possível, a alguns livros de sua *Metafísica* no intuito de compreender como é possível pensar a relação teoria e prática, sobretudo a partir dos conceitos de sabedoria filosófica (*sophia*) e sabedoria prática (*phronesis*). Tal investigação será complementada por comentadores que desenvolveram no decorrer de sua trajetória intelectual estudos específicos em defesa desta possível relação envolvendo teoria e prática, com destaque para os ramos da ética e da metafísica, como Terence Irwin e Martin Heidegger.

Resultados e Discussão

Segundo Terence Irwin, essa perspectiva que visa a sistematizar o pensamento de Aristóteles, de modo a estabelecer conexões entre as diferentes áreas, nem sempre é benquista. Alguns estudiosos acusam essa tendência interpretativa de “platonizante”, porque abandona as discussões individuais de cada obra e passa a dar ênfase ao *corpus aristotelicum* como um todo. No entanto, constata Irwin, é errôneo pensar que a tentativa de encontrar uma base teórica para a ética seja anacrônica ou filosoficamente infrutífera. Há uma série de conceitos metafísicos que dão sustentação à ética de Aristóteles (sabedoria, teoria, prática, ser, função, ato, potência, necessidade, contingência, liberdade) e estes são fortes indícios de que há um sistema coerente e coeso que nos possibilita pensar as obras do Estagirita de modo não individualizado.³

Martin Heidegger, no terceiro capítulo da parte introdutória de sua obra *Platão: O sofista*, tem por principal objetivo desenvolver uma reconstrução argumentativa da Antiguidade clássica por meio de uma chave hermenêutica, a fim de observar em que medida a ética grega pode ser lida à luz de uma orientação ontológica. Heidegger, embora se proponha a escrever sobre o assunto platônico, aborda, antes mesmo, o pensamento de Aristóteles. Este fio condutor aristotélico possibilita alcançar questões metafísicas fundamentais, sobretudo, quando se empenha metodologicamente em realizar a cuidadosa análise das virtudes intelectuais (*aretas dianoetikes*) apresentadas no livro VI da *Ética a Nicômaco*. Para o filósofo alemão, é a partir dos modos diversos do ‘ser enquanto ação humana’ que podemos identificar a possibilidade de compreender, em Aristóteles, a relação entre ser e não-ser, verdade e aparência, opinião e conhecimento. Essa reivindicação apresentada por ele visa a estabelecer quais são os modos mais elevados de ser do desvelamento (*aletheuein*). Como método específico de análise, Heidegger leva em consideração os conceitos aristotélicos da sabedoria filosófica (*sophia*) e da circunvisão (*phronesis*), tendo por objetivo investigar se o primado do ser na busca pela verdade encontra-se na sapiência ou na virtude dianoética da prudência.⁴

Conclusões

Apesar de todas as dificuldades encontradas quanto à especificidade de cada uma das questões analisadas – a *sophia* possui o primado em relação à *phronesis* no que diz respeito ao desvelamento do ser (*aletheuein*). Em verdade, a *phronesis* está diretamente ligada ao ser-aí do homem, à sua existência enquanto co-existência, ou seja, ela é extremamente elevada e decisiva no lidar consigo e com os outros. No entanto, tão somente à *sophia*, apenas ao compreender puro e mais nobre do intelecto, é que se confere ontologicamente as possibilidades nas quais o homem pode existir. Somente a *sophia* possui o primado ontológico do ser, porque nela habita a constância do que é sempre (*aei*), ao passo que na *phronesis* reside o movimento (*kinesis*) e, neste sentido, a presentificação da prudência apresenta-se a cada vez ‘outra’, isto é, de modo circunstancial e diverso (*tyche*).⁵

Em suma, a subordinação da prática à teoria se destaca em todos os níveis da filosofia e do agir humano na Antiguidade. A *praxis* é considerada sempre em função da teoria, isto é, do conhecimento especulativo. Acerca da prática moral das virtudes (*aretas ethikes*), que organizam todo o agir cotidiano dos indivíduos, é-nos permitido afirmar a profunda interferência das virtudes intelectuais (*aretas dianoetikes*), à frente

³ IRWIN, Terence (1984). “The Metaphysical and Psychological Basis of Aristotle’s Ethics”. In.: *Essays on Aristotle’s ethics*. Edited by Amélie Oksenberg Rorty. University of California Press. pp. 35-39.

⁴ HEIDEGGER, Martin (2012). *Platão: O sofista*. *Op. cit.* pp. 147-150.

⁵ HEIDEGGER, Martin (2012). *Platão: O sofista*. *Op. cit.* pp. 187-199.

das quais se encontra a prudência (*phronesis*)⁶. É importante ressaltar ainda que Aristóteles nunca assumiu uma postura completamente separatista entre teoria e prática, posto que incorpora à vida do homem contemplativo toda a prática moral das virtudes, que acabam por mover a atividade produtiva inteira na busca pela felicidade (*eudaimonia*). Assim, desejamos investigar em nossa tese quais são os pressupostos metafísicos presentes na *Ética a Nicômaco*, já que a natureza humana não apenas se inclina ao saber, mas também a uma investidura diária na busca pela *eudaimonia* como parte constituinte daquilo que é próprio e completamente inerente ao ser do humano.

Referências bibliográficas

PRIMÁRIAS

ARISTÓTELES. (1984) *Metaphysica (I e II), Ethica Nicomachea e Poetica*. Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural.

ARISTÓTELES. (2002) *Metaphysica*. Giovane Reale. Texto grego com tradução ao lado. Trad. Marcelo Perine - Edições Loyola, São Paulo.

ARISTÓTELES. (2015) *Ethica Nicomachea, Ethica Eudemia, De Anima*. Traducción y notas de Julio Pallí Bonet y Tomás Calvo Martínez. Editorial Gredos, S.A., López de Hoyos, 141, Madrid.

ARISTOTELIS. (MCMIII) *Ethica Nicomachea*. Franciscus Susemihl. Editio Altera. Curavit Otto Apelt. Lipsiae. In Aedibus B. G. Teubneri.

BARNES. Jonathan (1991) *The Complete Works of Aristotle*. Vol I-II. Edited by Jonathan Barnes. The revised Oxford translation. Princeton University Press.

SECUNDÁRIAS

BACON, R. (1953) *Rogeri Baconis Moralis Philosophia*. Zürich: Thesaurus Mundi.

BRENTANO, Franz. (1975) *On the several senses of being in Aristotle*. Edited and Translated by Rolf George. University of California Press.

BRENTANO, Franz. (1995) *Sui molteplici significati dell'essere secondo Aristotele*. A cura di Giovanni Reale. Ed.: Vita e Pensiero.

CAEIRO, António de Castro. (2002) *A areté como possibilidade extrema do humano. Fenomenologia da práxis em Platão e Aristóteles*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

CHARLES, David. (2015) "Aristotle on practical and theoretical knowledge". In.: NIELSEN, Karen Margrethe. *Bridging the gap between Aristotle's science and ethics*. Cambridge University Press.

COPLESTON. F.C. (1993) *A history of philosophy*. Vol I: Greence and Rome. NY. Image Books.

FERNANDES, Marcos Aurélio. (2013) "A filosofia moral em Roger Bacon: sua excelência, constituição e fundamentos". *Revista Filosófica São Boaventura*, v. 6, p. 63-84.

FRATESCHI, Yara. (2008) "Virtude e Felicidade em Aristóteles e Hobbes". *Journal of Ancient Philosophy*. Vol. II. Issue 2, pp. 1-19).

GADAMER, H. G. (1986) *The Idea of the Good in Platonic-Aristotelian Philosophy*. Trad. P. Christopher Smith. New Haven: Yale University Press.

HEIDEGGER, Martin. (1992) *Interprétations Phénoménologiques d'Aristote: Tableau de la situation herméneutique*. Ed. Bilingue. Trad. J.-F. Courtine. Mauvezin: Trans-EuropRepress.

⁶ De modo bastante resumido, pode-se afirmar que a virtude intelectual da prudência consiste em operar o saber prático em nível de excelência. A prudência é a *ajrethv* da razão prática. Isso significa dizer que nas diversas circunstâncias enfrentadas pelo homem, tanto em situações corriqueiras no seu cotidiano quanto naquelas mais importantes e "graves" que definem a vida como um todo, é necessário decidir entre várias opções que podem ser tomadas. A prudência é o conhecimento da boa decisão. E decisões corretas facilitam alcançar a *eudaimonia*. Difícilmente, um homem pode ser feliz se a maior parte das decisões que tomou foram errôneas. Neste sentido, o homem prudente (*phronimos*) conhece a melhor forma de tomar uma decisão, o que acarreta saber que ação realizar perante as situações nas quais está envolvido (Cf.: *E.N.* VI, 1140a 26-30 à 1140b 5. ARISTÓTELES (1984). *Ethica Nicomachea*. *Op. cit.*, p. 144).

- HEIDEGGER, Martin. (2007) *Metafísica de Aristóteles 1-3: sobre a essência e a realidade da força*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes.
- HEIDEGGER, Martin. (2012). *Platão: O sofista*. Tradução Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- IRWIN, Terence. (1984) "The Metaphysical and Psychological Basis of Aristotle's Ethics". *Essays on Aristotle's ethics*. Edited by Amélie Oksenberg Rorty. University of California Press.
- IRWIN, Terence. (1995) *Metaphysics, Epistemology and Natural Philosophy*. Edited with Introductions by Terence Irwin. Garland Publishing, Inc New York and London.
- IRWIN, Terence. (2007) *The Development of Ethics: A Historical and Critical Study*. Volume I: From Socrates to the Reformation. Oxford University Press.
- IRWIN, Terence. (1988) *Aristotle's First Principles*. Oxford University Press.
- IRWIN, Terence. (1995) *Aristotle's Ethics*. Edited with introductions by Terence Irwin. Garland Publishing, Inc New York and London.
- KARBOWSKY, Joseph (2019). *Aristotle's method in ethics: philosophy in practice*. Cambridge University Press.
- NATALI, C. (2004) *L'Action Efficace - Etudes sur la Philosophie de l'Action d'Aristote*, Louvain - la Neuve.
- NATALI, Carlo. (1989) *La saggezza di Aristotele*. Bibliopolis, Napoli.
- NATORP, Paul. (1888) "Thema und Disposition der aristotelischen Metaphysik". *Philosophische Monatshefte, Heidelberg*. vol. 24, pp. 37-65.
- OSMA, Pedro Martinez de. (2002) *Comentario a la ética de Aristóteles*. Introducción y selección de textos de Ana Cebeira. Cuadernos de Anuario Filosófico – Serie del Pensamiento Español. Universidad de Navarra, Pamplona.
- REALE, Giovanni. (2011) "Sumários e Comentários". *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine - Edições Loyola (3ª ed.). São Paulo, p.11.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. (1964) *Elementi di filosofia*. Edizione completamente rinnovata. Vol. II: Metafisica. Editrice la Scuola.
- SALMIERI, Gregory. (2009) "Aristotle's Non-'Dialectical' Methodology in the Nicomachean Ethics". *Ancient Philosophy* 29, pp. 311-335.
- TOMÁS DE AQUINO. (2014) *A Prudência: a virtude da decisão certa*. Tradução, estudos introdutórios e notas de Jean Lauand. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- TOMÁS DE AQUINO. (2015) *Comentário à Ética a Nicômaco de Aristóteles (I - III): O Bem e as Virtudes*. Vol. I. Edição, tradução e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. RJ: Mutuus.
- VOLPI, F. (2013) *Heidegger e Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola.
- WOLF, Ursula (2010). *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Título original: Aristoteles' "Nikomachische Ethik". Tradução de Enio Paulo Giachini. Edições Loyola: São Paulo.
- ZINGANO, Marco. (2009) "L'Acte Volontaire et la Théorie Aristotélicienne de l'Action" *Journal of Ancient Philosophy*. Vol. III Issue 2.
- ZINGANO, Marco. (2010) *Sobre a ética nicomaquéia de Aristóteles: textos selecionados*. São Paulo. Ed. Odisseus.
- ZINGANO, Marco. (2017) "Eudaimonia, Razão e Contemplação na Ética de Aristóteles". *Revista Analytica*. Rio de Janeiro, vol 21 nº 1, pp. 9-46.